

CONIC SEMESP

16º Congresso Nacional de Iniciação Científica

TÍTULO: A VISÃO DA CRIANÇA QUANTO A DIVISÃO DOS PAPEIS POR GÊNERO NA SOCIEDADE.

CATEGORIA: CONCLUÍDO

ÁREA: CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

SUBÁREA: PEDAGOGIA

INSTITUIÇÃO: FACULDADES INTEGRADAS DE BOTUCATU

AUTOR(ES): LYGIA GONÇALVES ADÃO

ORIENTADOR(ES): ELEN FITTIPALDI BRASILIO CARREGA

COLABORADOR(ES): ANA PAULA COSTA GIMENEZ, CEPRA, ELDER CANDIDO MATTOS, EMEI- DR. ROBERTO DOMINGOS ANDREUCCI, FLORESCER-JÁRDIM DE INFÂNCIA WALDORF

Realização:



Apoio:



Introdução

O presente trabalho tem por objetivo compreender os processos que envolvem a formação da construção de gênero em crianças e analisar se esta concepção está atribuída de acordo com o sexo biológico ou com os atributos socialmente construídos.

Para compreender os processos que permeiam esta construção é preciso antes de tudo, apresentar e distinguir os conceitos de sexo e gênero.

Sexo, segundo a organização Mundial da saúde, refere-se às características biológicas e fisiológicas que definem homens e mulheres e, segundo Scott (1995), “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significado às relações de poder.”

Assim, buscou-se analisar como as crianças constroem estes atributos através das relações sociais e como estas relações estão estabelecidas e determinadas, dotadas ou não de conceitos pré-definidos quanto ao gênero ligado a profissões presentes na sociedade.

Ainda segundo Scott (1995):

O termo “gênero” torna-se, antes, uma maneira de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos sobre sexo e sexualidade, “gênero” tornou-se uma palavra particularmente útil, pois oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis sexuais atribuídos às mulheres e aos homens (Scott, 1995: 75).

Com a crescente temática gênero chegando as escolas, lugar estes de elevadas construções culturais, uma nova vertente se abre em busca de respostas entre os conceitos de diferença e igualdade em seu âmbito universal e singular. E esta vertente ganha ainda mais força dos 5 aos 7 anos, que é quando os estereótipos de gênero são definidos.

Ao iniciar uma discussão sobre o gênero, não é possível submetê-la a uma análise crítica sem negar a biologia, porém o enfoque que se faz necessário na

sociedade atual, é que ganha às ruas e expande-se nas escolas, busca entender como a construção do gênero se inicia e quais os impactos dessa construção nos indivíduos.

Nossa estrutura social desde os primórdios tende a um machismo exacerbado e conseqüentemente uma colocação da figura da mulher como o “sexo frágil”, já que desde o início, o homem, detentor de todo o poder e investido de todos os privilégios promove o alicerce da sociedade brasileira machista, de característica patriarcal, dependente do matrimônio como sinônimo de dignidade e totalmente hierarquizada.

Em 1916, com o código civil (BRASIL,1916) a submissão da mulher fica claramente exposta no artigo 242 do capítulo III, dos direitos e deveres da mulher que afirma:

A mulher não pode, sem autorização do marido (art.251):

I. Praticar os atos que este não poderia sem o consentimento da mulher (art. 235).

II. Alienar, ou gravar de ônus real, os imóveis de seu domínio particular, qualquer que seja o regime dos bens (arts. 263, nº II, III, VIII, 269, 275 e 310).

III. Alienar os seus direitos reais sobre imóveis de outra.

IV. Aceitar ou repudiar herança ou legado.

V. Aceitar tutela, curatela ou outro múnus público.

VI. Litigar em juízo civil ou comercial, anão ser nos casos indicados nos arts. 248 e 251.

VII. Exercer profissão (art. 233, nº IV).

VIII. Contrair obrigações, que possam importar em alheação de bens do casal.

IX. Aceitar mandato (art. 1.299).

O que muda na sociedade atual é que a mulher ganha espaço e direitos protegidos pela atual constituição (BRASIL,1988), quebrando o paradigma social e assumindo posição de destaque na sociedade, como decretado na Carta Magna de 1988 em seu Artigo 5º, inciso I: “Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”

Contudo, crescentes vertentes como o feminismo, analisam que o mundo ainda vive em posição arcaica quanto à posição da mulher, o que provoca na

sociedade um pré-conceito de não associá-la a grandes especialidades ou profissões.

Para Sandra Harding (1993:11):

É possível aprender a aceitar a instabilidade das categorias analíticas, encontrar nelas a desejada reflexão teórica sobre determinados aspectos da realidade política em que vivemos e pensamos usar as próprias instabilidades como recurso de pensamento e prática. As categorias analíticas feministas devem ser instáveis - teorias coerentes e consistentes em um mundo instável e incoerente são obstáculos tanto ao conhecimento quanto às práticas sociais.

Objetivo

O estudo tem o objetivo de identificar os conceitos sexistas pré-estabelecidos e arregrados desde os primórdios de nossa sociedade, construída sob o modelo patriarcal, e analisar como estes se mostram presentes em nossas crianças, oferecendo subsídios para reflexões em torno da discussão de gênero, visto que a naturalização e recriação do sexismo sistematicamente vivenciados na infância acabam fazendo parte da constituição da identidade adulta.

Metodologia

O estudo foi aplicado em crianças da Educação Infantil, etapa 2, faixa etária de 5 anos. Foram aplicados desenhos livres que aguçassem o imaginário das crianças acerca de personagens da sociedade reconhecidos por eles.

Os alunos foram instigados a representar por imagem esses personagens (Policial, Cientista e Motorista) de forma livre e sem interferência do aplicador, para que o resultado exemplificasse o estereótipo criado por eles.

Na aplicação da pesquisa de campo, as crianças receberam uma folha sulfite e um lápis. Foi feita uma observação/participante, onde os aplicadores deixaram as crianças livres para desenharem. Durante o processo, foram feitas perguntas referentes às características dos desenhos que as crianças colocavam no papel, para que, mesmo que criassem eventuais garatujas, o aplicador pudesse chegar ao seu objetivo.

Em um primeiro momento foi realizada uma análise qualitativa e posteriormente associada uma análise quantitativa. Os dados obtidos foram trabalhados no

Excel e para finalizar foram transformados em gráficos para um melhor entendimento.

Desenvolvimento.

O presente estudo foi realizado no período compreendido entre os meses de Maio à Agosto/2016, compreendendo assim o primeiro semestre de estudos nas três diferentes escolas no município de Botucatu-SP, que são: **Florescer**-Jardim de Infância Waldorf; **EMEI**- Dr. Roberto Domingos Andreucci e **CEPRA**– Centro Educacional “Prof. Reinaldo Anderlini”.

Estas escolas diferem-se por apresentarem vertentes educacionais e metodológicas diferenciadas de ensino, assim como as diferenças encontradas entre as atividades e conceitos para as crianças.

A instituição Florescer é um Jardim de Infância que utiliza o sistema Waldorf. Sua metodologia se baseia na concepção do desenvolvimento integral do ser humano, levando em conta as características individuais de cada criança, para assim, conseqüentemente, formar adultos livres com pensamento individual e criativo, sensibilidade social.

A instituição CEPRA, utiliza-se do método de ensino sócio interacionista, preocupa-se com a formação integral do indivíduo e visa prioritariamente formar cidadãos críticos reflexivos, sempre com respeito as regras e interação social.

Pautada no RCNEI e alicerçada na concepção socioconstrutivista, a EMEI, atua com base no Referencial Curricular Municipal, onde através de projetos e sequências de atividades são trabalhados os requisitos básicos para o desenvolvimento físico, cognitivo e social.

Segundo Louro, práticas cotidianas formam os sujeitos e nestas práticas naturais e rotineiras é que podemos identificar a presença de conceitos discriminatórios.

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades [...], nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os

sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural". (LOURO, 2008, p. 63)

Assim iniciou-se uma busca no campo escolar com crianças de 5 anos, fase onde os estereótipos de gêneros são formulados pela primeira vez, para identificar a presença de conceitos sexistas, transmitidos pela sociedade atual, e naturalizados no cotidiano, que afirmam a divisão de papéis baseada no sexo.

Resultados

Confirmando uma sociedade arregrada de dominância patriarcal, os dados puderam nos mostrar através dos gráficos 01, 02 e 03, que em todos os aspectos solicitados, por unanimidade, os meninos mantiveram uma postura impositiva da sociedade atual, sexista, enquanto as meninas apresentam maior equidade de gênero em algumas instituições.

Conforme podemos averiguar no gráfico 01, abaixo, o grupo de meninas da instituição CEPRA, se destacaram em suas atividades, fator extremamente relevante em relação a atuação seguida pela instituição; sócio interacionista, onde a relação com a comunidade, de forma prática, vem alcançando resultados para quebra de paradigmas patriarcais, pois trabalham a realidade do mundo moderno onde a grande maioria das mulheres exercem atividades remuneradas fora do ambiente doméstico.

A instituição FLORESCER, através do sistema Waldorf de ensino, instiga a criatividade e autonomia de seus alunos, trazendo-os para uma nova visão de mundo, porém de forma lúdica, assim ao mesmo tempo aprimorando sua formação social. A escola EMEI ainda não apresenta trabalhos voltados a instigar mudanças de paradigmas, fator esse limitante a visão da criança e sua autonomia na construção de sociedade.

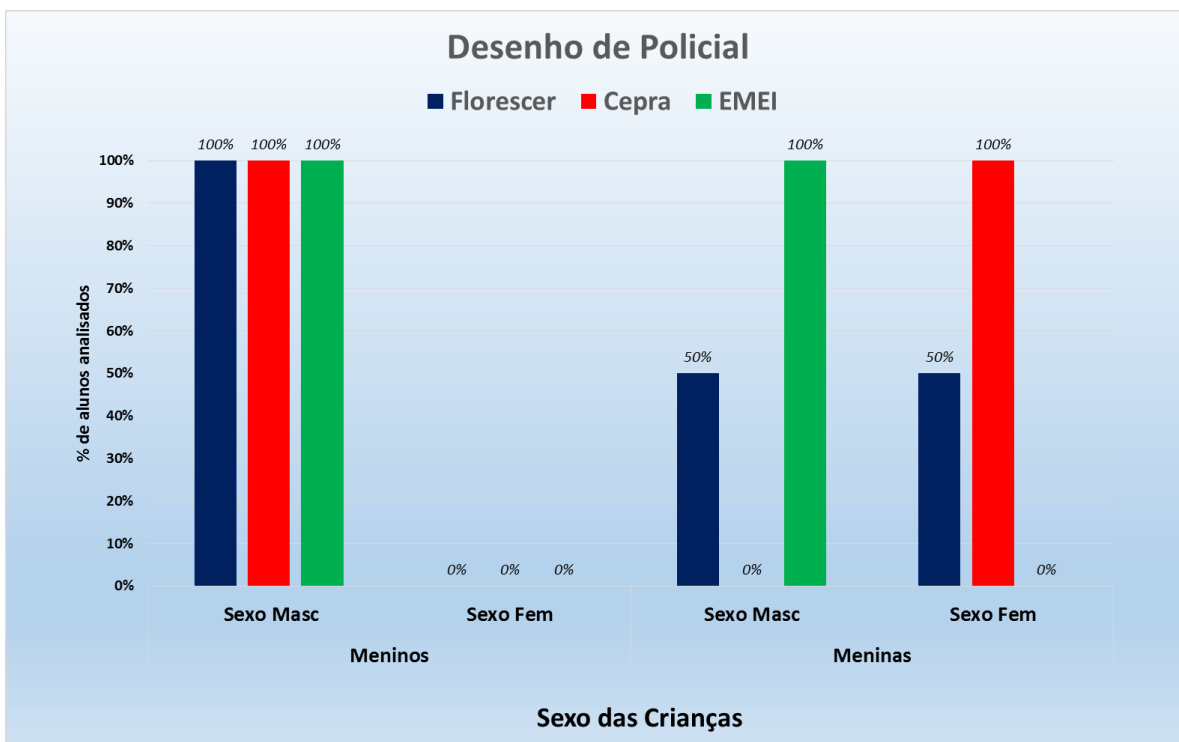


Gráfico 01 – Desenho de policial

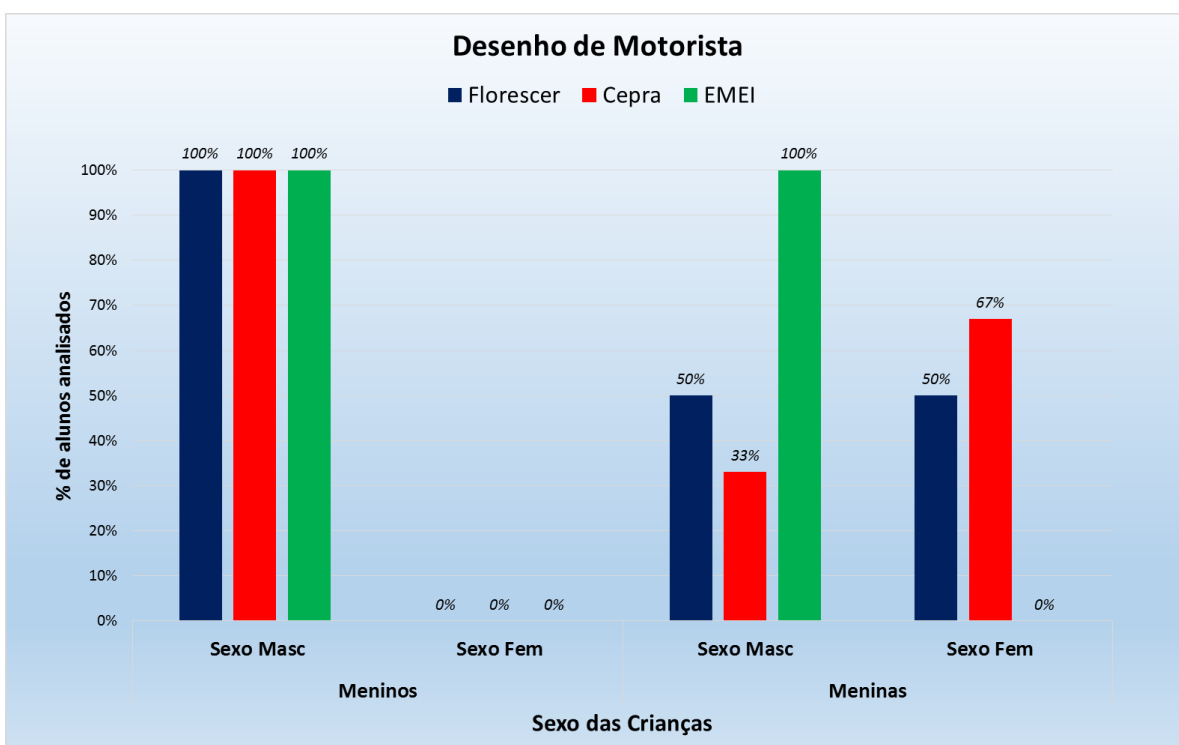
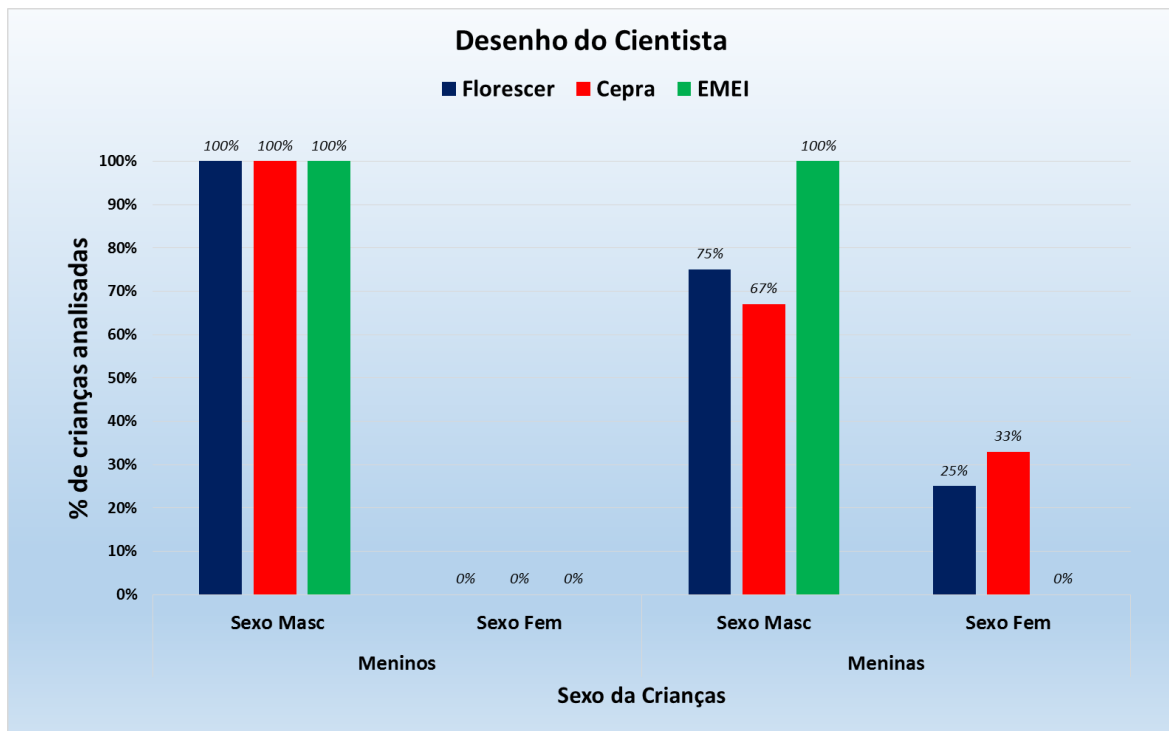


Gráfico 02 – Desenho de motorista.

Estes dados ainda se reforçam no outro gráfico, pois nos mostra que a necessidade de promover atividades práticas e reflexivas dentro do contexto educacional ainda é fator decisivo na aprendizagem e percepção de mundo pela criança.



Desenho de cientista.

Considerações Finais

A metodologia mostrou-se eficiente na identificação do sexismo na primeira infância, fruto de uma sociedade constituída sobre um modelo patriarcal.

A análise dos resultados remete a necessidade de instigarmos a construção da percepção do sexismo na formação de nossas crianças, pois esta poderá ser uma das formas de contribuição para rompermos os conceitos patriarcais que presenciamos em nossa sociedade atual, pois conceitos arregrados de sexismo se perpetuaram através de tempos, sendo presenciados no convívio familiar e social. A necessidade de quebra-los se faz presente em ações simples, onde mostrar a realidade existente que diferem atividades entre homens e mulheres não está assim tão distante da realidade, mas precisa ser reforçado apenas por uma questão de visão de realidade. Aceitar que estas diferenças inexistem na concepção de ações promovidas por todos nós é o passo inicial para afirmarmos através da prática, um novo contexto, um novo conceito, uma nova realidade.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Código Civil de 1916**. Lei n. 3.071, de 1º de Janeiro de 1916. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L3071.htm>>. Acesso em: 09 Mai. 2016.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 09 Mai. 2016.

HARDING, Sandra. **A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista**. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-32, 1993.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Revista Educação & Realidade*. Porto Alegre: v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.